

CORPO, CULTURA DE MOVIMENTO E JOGOS INDÍGENAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MOALDECIR FREIRE DOMINGOS JUNIOR

Centro Universitário Facex – UNIFACEX

GUSTAVO HENRIQUE SILVA

Centro Universitário Facex – UNIFACEX

JOSILANE DOS SANTOS SALES

Centro Universitário Facex – UNIFACEX

CAMILA URSULA BATISTA CARLOS

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN

LUIZ ARTHUR NUNES DA SILVA

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Resumo | Os conteúdos da Educação Física podem e devem propiciar aos estudantes a inserção na cultura de movimento, ou seja, conhecer as diferentes formas de movimento das diferentes culturas. Com isso, iremos relatar uma sistematização do conteúdo Jogos Indígenas nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental. Os Jogos Indígenas nas aulas de Educação Física propiciam saberes que possibilitam diferentes formas de movimentos com o outro, com a natureza, e com a construção dos próprios brinquedos. Podemos concluir que o conteúdo Jogos Indígenas são saberes para inserir os estudantes na cultura de movimento, perceberem o próprio corpo já que demonstram possuírem várias possibilidades pedagógicas, além de permitirem uma inserção em um currículo compreendido como sistema de significação implicados na produção de identidades e subjetividades no contexto das relações de poder.

Palavras-chave | Corpo; Cultura de movimento; Jogos Indígenas.

CORPO E CULTURA DE MOVIMENTO COMO CRITÉRIO ORGANIZADOR DO CONHECIMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Os conteúdos da Educação Física podem e devem propiciar aos estudantes uma inserção na cultura de movimento, ou seja, conhecer as diferentes formas de movimento das diferentes culturas. Melo (2006) nos ensina que a Educação Física tem a função de, em suas ações pedagógicas, permitir aos estudantes uma descoberta corporal e a compreensão dos seus elementos, tendo-se o fenômeno lúdico como um dos mediadores das ações corporais. Além disso, Melo (2006), em sua reflexão epistemológica sobre a Educação Física, aponta como critérios organizadores do conhecimento desse componente curricular: as noções corpo e cultura de movimento.

Em outras palavras, o mundo do movimento são os saberes da Educação Física. Todos os povos se movimentam, caminham, correm, saltam, rolam ou praticam esportes, mas também, os povos, se relacionam. A este conteúdo cultural corresponde às formas de movimentar-se, caracterizando assim uma cultura de movimento. Nesse sentido, esse conceito de cultura de movimento pode ser considerado como o critério organizador do conhecimento da Educação Física e refere-se às relações existentes entre essas formas de se movimentar e a compreensão de corpo de uma determinada sociedade, comunidade, de uma cultura (MENDES; NÓBREGA, 2009).

A cultura de movimento está interligada com a experiência do corpo, pois é a partir do corpo em movimento que surge às possibilidades, como bem comenta Mendes e Nóbrega (2004), o corpo que salta, que dança, que joga, que corre, que ginga, que caminha ou que nada. Corpos que se expressam fazendo aflorar as diversidades de sentidos criadas a partir do movimento. Nesse caminho, as aulas de Educação Física com o conteúdo Jogos Indígenas se configuram como esse espaço de diversidade e de uso do corpo, por isso que é cultura de movimento também. É também tempo de aprendizagem, isto é, uma reorganização do próprio corpo (NÓBREGA, 2005). Dessa forma, nosso estudo apresenta uma

experiência pedagógica com os Jogos Indígenas nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental.

Começamos a idealizar a sistematização do conteúdo Jogos Indígenas nos períodos iniciais de nossa graduação, quando vivenciamos o fenômeno *Jogo* e conhecemos o tema transversal “pluralidade cultural”. Porém, quando apresentamos nosso planejamento da regência para o supervisor do estágio da instituição concedente, a princípio houve rejeição, tendo em vista que, iríamos ministrar um conteúdo bem diferente do seu planejamento. No entanto, após conversarmos e apresentarmos que pretendíamos realizar nosso trabalho de conclusão de curso a partir do relato do estágio, ele aceitou. E, um fato que nos deixou bastante felizes, foi que além de ministrar o conteúdo na turma que tínhamos observado desde o início, o professor pediu que ministrássemos a aula em sala que tratava sobre a introdução dos Jogos dos Povos Indígenas, para todas as turmas dos 9º anos, com isso percebemos que o professor tinha compreendido nossa ideia e a relevância desse conteúdo para os estudantes.

Diante disso, o estágio foi realizado no Colégio Facex, uma escola particular, com 24 anos de existência e localizada da zona sul de Natal/RN. Ministramos três aulas para a turma do 9º ano, composta por 34 estudantes sendo 20 meninas e 14 meninos com idade entre 14 anos. Mais adiante adentraremos em nossa experiência pedagógica com o conteúdo Jogos Indígenas.

LEGITIMIDADE OU LEGALIDADE DOS JOGOS INDÍGENAS COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA?

Os Jogos Indígenas devem ser incluídos no currículo das escolas e nas aulas de Educação Física por causa da Lei nº 11.645/2008 (legalidade) ou pelo fato de trazer em si um repertório de saberes do corpo e da cultura de movimento, poder e identidade (legitimidade)? Em nossa perspectiva, acreditamos que a referida lei é uma possibilidade legal de iniciar um caminho de legitimidade dos jogos indígenas. Além disso, precisamos defender sua presença na escola não apenas pela legalidade,

mas também pela legitimidade. Segundo Silva (2015), ao refletir sobre as teorias do currículo, afirma que a raça e a etnia não são simplesmente temas transversais, mas são questões centrais de conhecimento, poder e identidade.

Inspirados em Silva (2015), podemos afirmar que inserir os Jogos Indígenas no currículo escolar não é somente tornar o currículo multicultural, e considerar os Jogos Indígenas como algo folclórico e exótico, mas torná-lo político, problematizá-lo na discussão sobre raça, etnia, gênero e sexualidade. Trazer os saberes indígenas para a escola reconhecendo as teorias críticas e pós-críticas do currículo, é focar na discussão das causas institucionais, históricas e discursivas que excluem esses saberes da escola.

Para compreender melhor sua legitimidade, é preciso compreender um pouco das características dos Jogos Indígenas. A primeira iniciativa de mostrar os jogos indígenas, para os povos não indígenas foi quando levaram um índio “flecheiro” aos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs) em São Paulo, e Terena¹ diz: “o índio estava usando um arco ‘tradicional’, uma metodologia ‘tradicional’ com um objetivo que não era ‘tradicional’ para o índio, pois na aldeia ele faz aquilo para acertar uma ave, uma anta, um peixe no meio do rio”. A partir desses Jogos Escolares Brasileiros começou-se a pensar o conceito de Jogos dos Povos Indígenas (JPI) (ROCHA FERREIRA et al., 2008).

Segundo Gruppi (2011), os Jogos dos Povos Indígenas (JPI) têm como característica principal a celebração, o encontro, o conhecimento de outros povos e o reencontro com outros, fazendo com que esses sejam reconhecidos por suas diversidades culturais.

A denominação Jogos Indígenas ainda que sugira uma analogia com Jogos Olímpicos apresenta um conjunto de modalidades originárias das atividades da vida cotidiana das diversas nações participantes, reforçando a intenção de demonstração de habilidades desenvolvidas na superação das questões cotidianas e não na reprodução de outras práticas culturais de movimento (RUBIO; FUTADA; SILVA, 2006).

Os Jogos dos Povos Indígenas incluem modalidades tradicionais relacionadas à caça e sobrevivência indígena, rituais sagrados e outras

1. Os irmãos Carlos e Marcos Terena são os idealizadores dos Jogos dos Povos Indígenas

atividades cotidianas, assim como incluem modalidades esportivas não indígenas, como, por exemplo, o futebol, a corrida de fundo e corrida de cem metros, mas que são vivenciadas nas aldeias (PINTO & GRANDO, 2011). Apesar dos jogos indígenas já incluírem modalidades esportivas em suas edições, nas aulas de Educação Física é importante realizar atividades tradicionais indígenas, visto que os professores não devem priorizar a hegemonia dos esportes.

A diversidade cultural dos povos indígenas durante os jogos pode ser vista nas plumagens, pinturas corporais, danças e nos jogos. Mas, oculto ao visual, há a cultura imaterial, o como fazer, o quando fazer, o quanto fazer, que não se percebe. Há a vontade dos indígenas mostrarem e “manterem” a cultura, as tradições, os valores, o “resgate” cultural, e tornarem-se visíveis para uma sociedade que não os reconhece e que acreditava no desaparecimento deles (ROCHA FERREIRA, *et. al.*, 2008).

Apesar de existir a lei citada anteriormente, que legaliza o ensino da cultura e da história dos povos indígenas no âmbito escolar, vemos que há legitimidade em ministrar os Jogos Indígenas nas aulas de Educação Física. Tal conteúdo propicia saberes e aprendizagens que possibilitam diferentes formas de movimentos com o outro, com a natureza e com a construção dos próprios brinquedos. Ou seja, os Jogos Indígenas além de sua legalidade, formam um conteúdo legítimo, oriundo dos povos e comunidades tradicionais do nosso país, fortalecendo a construção do currículo como sistemas de significação implicados na produção de identidades e subjetividades no contexto das relações de poder, dessa forma, segundo Silva (2015), a crítica curricular torna-se, assim, legitimamente também uma crítica cultural.

EXPERIMENTANDO OS JOGOS INDÍGENAS COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Diante das inúmeras vivências corporais proporcionadas pelos Jogos Indígenas e da sua riquíssima diversidade cultural, iremos relatar uma sistematização do conteúdo Jogos Indígenas, que realizamos em nosso estágio supervisionado para o ensino fundamental II.

Ministramos três aulas com o conteúdo Jogos Indígenas na turma do 9º ano, que compreendia em 34 estudantes. Ressaltamos que, em todas as nossas aulas evidenciamos o objetivo dos Jogos Indígenas, a saber, em não exaltar um vencedor, mas à celebração e integração entre os povos. Com isso, enfatizamos que os estudantes cooperassem durante as atividades, para assim, as realizarem de uma forma exitosa.

Na primeira aula, tratamos da lei nº 11.645 de 10 de março de 2008 que trata sobre a obrigatoriedade do ensino da cultura indígena e afrodescendente nas instituições de ensino e, para nossa surpresa, os estudantes não tinham conhecimento desses conteúdos. Com isso, percebemos que a instituição não trabalhava a cultura indígena, ficando nítido que nossas aulas aconteceram de maneira isolada em relação aos outros conteúdos. Após conversarmos com os estudantes sobre a referida lei, apresentamos uma introdução histórica dos Povos e dos Jogos Indígenas, mostramos alguns brinquedos, costumes e, ferramentas utilizadas no dia a dia por algumas comunidades indígenas. Deixamos os estudantes livres para perguntar quando achassem necessário. Interessante frisar que eles conheciam alguns brinquedos e jogos que expomos, entretanto, não tinham conhecimento que tais brinquedos eram de origem indígena. Ao final, apreciamos dois vídeos, um relacionado a um resumo da décima edição dos Jogos dos Povos Indígenas, ocorrida em 2009 (“Jogos Indígenas”; canal: TVNBR) e o outro mostrando o resumo da primeira edição dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas. Esse megaevento aconteceu em 2015, na cidade de Palmas (TO) e, contou com a participação de aproximadamente 2.300 atletas indígenas de 22 etnias brasileiras e cerca de 20 países (PORTAL BRASIL, 2015). (“Veja como foram os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas”; canal: Ministério do Esporte) ambos disponíveis no *Youtube*®.

Na segunda aula, experimentamos brincar com a peteca (*peikrān*), arremesso de lança ao alvo e arremesso de lança em distância. No primeiro momento, na roda inicial, relembramos os conteúdos ministrados em sala de aula, falamos dos brinquedos e dos jogos indígenas, relembramos como aconteciam os jogos e que o objetivo não é haver um vencedor, mas sim,

que haja a celebração entre os povos. No segundo momento, distribuimos folhas de papel A4 para os estudantes. Sentamos no chão e explicamos passo a passo como fazer a peteca com papel. Foi extremamente simples esse processo, pedimos para que eles amassassem e fizessem uma bolinha de papel e a colocassem no centro de uma folha aberta. Depois eles deviam embrulhar a bolinha no centro da folha e torcer o resto do papel que sobrasse, ficando muito parecida com as penas da peteca original, que é construída com palha de milho ou penas.

No terceiro momento, como preparação corporal, deixamos que os estudantes experimentassem movimentos rebatendo a peteca. Posteriormente, dividimos a turma em dois grupos com quantidade de estudantes iguais e pedimos para que eles escolhessem apenas uma peteca para realizar a seguinte atividade: ficar em círculo e não deveriam deixar a peteca cair. Cada estudante podia tocar até duas vezes na peteca, mas era contado apenas um toque, a equipe vencedora era a que conseguisse realizar o maior número de toque, sem deixar a peteca cair.

Essa perspectiva de ensino, fundada nos saberes do corpo, abre espaços para os estudantes experimentarem os objetos, os movimentos, o espaço, o tempo, as relações com outro. Segundo Nóbrega (2005, p. 610), ao pensar sobre qual o lugar do corpo na educação, nos ensina que “não se trata de incluir o corpo na educação. O corpo já está incluído na educação. Pensar o lugar do corpo na educação significa evidenciar o desafio de nos percebermos como seres corporais”. Dessa forma, nossas aulas tinham esse intuito: de oferecer aos estudantes momentos de experimentar o próprio corpo, a partir dos jogos indígenas, seja na confecção dos brinquedos ou no experimentar dos movimentos.

No quarto momento, dedicamos um tempo ao arremesso de lança. Colocamos uma sacola cheia de papéis no meio da quadra para representar um peixe, mantivemos os mesmos grupos e distribuimos uma lança para cada um. A lança foi confeccionada com um pedaço de cano e macarrão de piscina nas extremidades do cano. Os estudantes tiveram que arremessar a lança para tirar o “peixe” de dentro do menor círculo da quadra, após arremessar, o estudante tinha que pegar a lança

e entregar para o colega de equipe. Esse momento terminou após todos terem experimentado o arremesso. No quinto momento dessa segunda aula, direcionamos o foco para o arremesso da lança em distância, ainda com os mesmo grupos, os estudantes teriam que arremessar a lança o mais distante possível, após o arremesso ele teria que pegar a lança e entregar para o próximo colega do grupo.

Essa sequência didática é aberta às possibilidades de movimento dos estudantes. Não ensinamos a “forma correta” do arremesso, mas criamos situações didáticas onde eles podiam experimentar o arremesso como um momento de percepção de si. Ao invés de tentarmos controlar o corpo, tentamos seguir as orientações de Nóbrega ao pensar sobre o corpo. Nas palavras da autora:

Precisamos desenhar novos mapas para compreender a geografia do corpo, com sua espacialidade diferenciada, possível porque se move e, ao fazê-lo, ao mover-se, coloca em cena diferentes possibilidades de abordagem, diferentes lugares, com diferentes perspectivas espaciais e temporais: do biológico ao pós-biológico, da reversibilidade da cultura como carne do mundo à carne como aspecto simbólico e transcendente do humano; dos sentidos que a historicidade cria em narrativas temporais distintas; dos encontros e desencontros que constituem a nossa existência (NÓBREGA, 2005, p. 612).

Essas reflexões sobre o corpo nos colocam também o desafio de oferecer a todos os estudantes as possibilidades de experimentar o arremesso. Assim, esse momento de estudo se encerrou após todos terem arremessado a lança. No sexto momento, já na roda final, sentamos com os estudantes e perguntamos o que eles pensavam sobre os conteúdos vividos. Diante disso, percebemos que, os estudantes assimilaram a proposta dos Jogos Indígenas tematizados nas aulas de Educação Física. Durante as atividades, participaram e não houve clima de rivalidade. Entretanto, alguns estudantes ainda perguntaram qual equipe tinha ganhado, ficando nítida a hegemonia dos esportes nas aulas de Educação Física. Gonçalves Junior (2007) comenta que, frequentemente, nas aulas de Educação Física, há um predomínio do esporte como conteúdo ocasionalmente exclusivo, o que dificulta o desenvolvimento da Motricidade Humana, delimitando-o ao contexto cultural estrangeiro, em detrimento das potencialidades

que podem ser exploradas ao propor a vivência de outras manifestações, oriundas dos diferentes povos que construíram e constroem o Brasil.

Na última aula, tematizamos as lutas corporais (*huka huka*), o cabo de guerra e corrida com tora (*jãmparti*), respectivamente.

No primeiro momento, realizamos as lutas corporais, dividimos os estudantes em duplas, sem distinção de gênero. Eles ficaram em cima do tatame agachados e tiveram que desequilibrar o colega. A atividade teve fim, após todos terem vivenciado os movimentos de desequilibrar, cair, empurrar, puxar, de um modo geral, tocar um ao outro. Ressaltamos que nessa atividade, diferentemente dos Jogos dos Povos Indígenas, as meninas também puderam vivenciar as lutas corporais.

Sobre o tocar e a participação das meninas, também foi uma orientação inspirada nas ideias de Nóbrega, a saber:

[...] As diferentes disciplinas ou pedagogias, ao intervir sobre o corpo, precisam considerar que o corpo que tenho é também o corpo que sou e que os padrões de ser e de viver, colocados por nossa condição corpórea, são bem mais flexíveis que os dispositivos normalizadores das instituições. Assim, quem sabe por meio dessas práticas sociais possamos transgredir, impulsionados pela paixão, para compor uma nova perspectiva de vida, mais ética e mais estética (NÓBREGA, 2005, p. 612).

Acreditamos que a Educação Física é uma disciplina que intervém no corpo, sendo necessária uma sensibilidade do professor com relação aos estudantes e sabedoria para transgredir os dispositivos normalizadores, por exemplo, transgredimos as normas dos Jogos Indígenas para oferecer também às estudantes a experiência das lutas indígenas.

No segundo momento, realizamos o cabo de guerra. Dividimos a turma em duplas, eles ficaram posicionados em cada extremidade da corda, o objetivo da atividade era tentar puxar os colegas para seu lado do espaço delimitado. No terceiro momento, executamos a corrida com tora. Para representar esse objeto utilizamos um saco de pancada. Em duplas, os estudantes tiveram que percorrer o espaço delimitado segurando a “tora”. No quarto e último momento, conversamos com os estudantes sobre os Jogos Indígenas e as experiências realizadas nas três aulas ministradas. Indagamos se eles já tinham vivenciado alguma

aula de Educação Física com este conteúdo. Mais da metade relataram nunca terem tido uma aula com tal conteúdo. Após, os questionamos se eles gostariam de ter outras aulas com esse conteúdo. Novamente, mais da metade dos estudantes relataram que gostariam. Diante disso, ficou nítido que há interesse nos estudantes em participar de aulas com os Jogos Indígenas. O que acontece na maioria das vezes é o despreparo dos professores em ministrar aulas com esse conteúdo. Posteriormente, perguntamos se durante as atividades vivenciadas por eles, se eles ficaram com muita vontade de vencer os colegas. Mais da metade dos estudantes relataram que não. Com isso, vimos que os estudantes assimilaram a proposta de nossa intervenção, que consistiu em não haver apenas um vencedor, mas que todos os estudantes pudessem participar dos jogos, perceberem a si e ao outro enquanto corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização desse trabalho, vimos que é legítimo tematizar os Jogos Indígenas nas aulas de Educação Física, seja pela riqueza da diversidade dos movimentos, das possibilidades de interação entre os corpos, de um modo geral, outras formas de jogar, outras formas de ser corpo e adentrar na cultura de movimento. Notamos também que inspirar-se nos conceitos de corpo e cultura de movimento amplia-se as possibilidades didáticas do professor que não se restringe “a transmitir um conteúdo”, mas, a criar situações lúdicas, contemplativas, cooperativas, competitivas em um clima agradável e espontâneo.

Realizar esse trabalho foi muito enriquecedor para nós, futuros professores, pois através dele, aumentamos nosso leque de possibilidades para futuras aulas e pudemos possibilitar a recriação de outras aulas, a partir do nosso relato, para outros profissionais. Entendemos que, nossa experiência e pesquisa foi uma aproximação inicial com esse conteúdo nas aulas de Educação Física, e que há necessidade de experiências de trabalhos e estudos mais duradouros, efetivos e aprofundados. Por fim, sugerimos que o conteúdo Jogos Indígenas estejam presentes nos planejamentos dos professores de Educação Física.

REFERÊNCIAS

GONÇALVES JUNIOR, L. **A motricidade humana no ensino fundamental**. In: Anais do I Seminário Internacional de Motricidade Humana: passado-presente-futuro, 2007. São Paulo: ALESP. v. 1. p. 29-35, 2007.

GRUPPI, D. R. **Jogos Escolares Brasileiros e Jogos dos Povos Indígenas**. In: CAMARGO, V. R. T.; ROCHA FERREIRA, M. B.; VON SIMSON, O. R. Jogo, celebração, memória e identidade: reconstrução da trajetória de criação, implementação e difusão dos Jogos Indígenas no Brasil. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 176 p.; 2011.

MELO, J. P. Educação Física e critérios de organização do conhecimento. IN: NÓBREGA, Terezinha Petrucia (Org.). **Epistemologia, saberes e práticas da educação física**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2006.

MENDES, M. I.; NÓBREGA, T. P. Cultura de movimento: reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura. **Revista Pensar a Prática**. v. 12, n. 2, p. 1-10, 2009.

MENDES, M. I.; NÓBREGA, T. P. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. **Revista Brasileira de Educação**. n. 27, p. 125-211, 2004.

NÓBREGA, T. P. **Corporeidade e Educação Física**: do corpo objeto ao corpo sujeito. 2ª Ed. Natal: EDUFRN, 2005.

NÓBREGA, T. P. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 26, n. 91, p. 599-615, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a15v2691.pdf>. Acesso em: 26/12/12.

PINTO, L. M.; GRANDO, B. S. (Org.). **Brincar, jogar, viver**: IX Jogos dos povos indígenas. 2. ed. Brasília: Editora Ideal, 2011.

PORTAL BRASIL, 1ª edição dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas recebe últimos preparativos. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/esporte/2015/10/10-edicao-dos-jogos-mundiais-dos-povos-indigenas-recebe-ultimos-preparativos>> Acesso em: 31/03/2017.

ROCHA FERREIRA, M. B. *et. al.* Jogos Indígenas, realizações urbanas e construções miméticas. **Ciência e Cultura**. vol. 60, 47-49, 2008.

RUBIO, K.; FUTADA, F. DE M.; SILVA, E. C. DA. Os jogos indígenas e as contradições do confraternizar e competir. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 1, p. 105–119, 2006.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

Recebido: 27 dezembro 2016

Aprovado: 29 junho 2017

Endereço para correspondência:
Moaldecir Freire Domingos Junior
Centro Universitário Facex – UNIFACEX
Coordenação de Educação Física
Rua Orlando Silva, 2897
Capim Macio
Natal – RN
CEP: 59080-020
moaldecir@unifacex.edu.br

ERRATA

Onde se lê

“Gustavo Henrique Silva”

Leia-se

“Gustavo Henrique Gonçalves e Silva”

Onde se lê

“Josilane dos Santos Sales”

Leia-se

“Josilane Santos de Sales”